Anno I — 2 DE SETEMBRO DE 1905 — N. 10

O CONGRESSO

ASSIGNATURAS

ANNO.................5$000
SEMESTRE... ....2$500

Editor: MARCELLINO RAMOS

Orgão defensor dos Operarios das Pedreiras

Paz e União | Publicação Quinzenal Regida por Operarios | Luz e Liberdade

Associação Carvalho

Avenida Passos, 50

Era o Dezembro de 1904. O thesoureiro do Congresso, um velho respeitavel, no cumprimento do seu dever avisou todos os socios em atrazo de mensalidade, a quitar-se afim de regularizar a thesouraria.

Entre os avisados estava Domingos Pereira de Carvalho, e compareceu na secretaria pedindo um desconto no seu debito; a Directoria em bons termos lhe respondeu que isso não fazia porque grande quantidade de socios tinhão pago seu atrazo integralmente.

Carvalho sahiu não sem insultar a Directoria, e voltou na quarta feira seguinte, já disposto a pagar em prestações o seu debito, mas queria ficar logo no gozo de todas às regalias sociaes; (elle devia cerca de tres annos ao Congresso) a Directoria ainda lhe fez ver que tal não podia fazer (elle Carvalho) enfurecendo-se disse grosseiramente que pagaria para os dous thesoureiros se enforcassem com o dinheiro; e retirou-se dizendo que havia de formar uma associação para acabar com o Congresso.

E assim fez: fundou a associação ajudado por um tal Barbosa que é individuo só acostumado a contribuir em tratantadas, e por um companheiro Hespanhol a quem illudirão, juntando-se com um pinga, mandão lá na federação, arranjaram a fundal-a com uma garantia *excepcional*, a da federação.

Os seus antecedentes foram os seguintes. Entrou para socio em 1902, era bom propagandista, não podemos negal-o, trabalhou muito para a causa social, chegou-se a ter em mãos o negocio de uma officina para o Congresso e elle fazia parte da commissão nomeada para esse fim; o egoismo apoderou-se d'elle e a vanidade de grandez aventeu-o. Elle apoderou-se do negocio que tratava para o Congresso que arranjou para elle e amigos, passou a mestre e ainda queria imporse a director, nós não consentimos e elle abandonou o Congresso, passou a explorador e explorou á vontade até que se declarou a gréve de 1903 (Agosto), e elle, o explorador, apresentou-se n'uma assombléa aonde incitou em vibrante discurso á greve, declarando que a officina d'elle assignava a tabella apresentada.

A greve seguia o seu curso normal e passados appenas oito dias, elle, o incitador, atraiçoou os grevistas e foi trabalhar. Os outros continuaram em greve 48 dias.

A greve terminou, e elle foi expulso da officina, pelos seus socios, que descobriram o gancho que elle queria fazer: lembre-se que nós sabemos o que elle andava arranjar com o secretario do Centro das Classes Operarias, a quem depois tambem atraiçoou.

(*Continúa*)

O operario moderno

Aos meus companheiros de luta, vou fazer umas explicações neste nosso modesto jornal, dirigido por homens laboriosos e que têm as mãos callosas pelo trabalho.

Companheiros, para que não seja explorado o trabalho alheio, que agora escasseia ou fazem-no escaseiar, emquanto os braços sobram, é preciso a união de todos nós.

De que lado estão pois as vantagens, da vantada civilidade, O escravo antigo não tinha de preoccupar-se com a mais pequena de suas necessidades e subsistencia, formavam parte integrante do capital de seu amo e a este não convinha que seus bens soffressem detrimento; estava no seu interesse alimental-o bem e não o fatigar para que vivesse o maior numero de annos possivel; tanto mais que com o tempo os escravos chegaram a estar muito caros.

Bem dizia o antigo Cesar: *quando morre um escravo perco parte da minha propriedade*, como se tivesse morrido um animal qualquer, pois no feudalismo a morte do escravo damnificava a propriedade inteira do feudatario, e a prosperidade do feudo; estava pois no interesse do feudatario evitar toda a occasião de morte ou deserção.

O escravo de hoje não custa nada: aluga-se; não é preciso alimental-o e nem vestil-o, o amo ou industrial paga o aluguel que intender ao escravo desta sociedade civil e esse deve entregar ao amo ou proprietario, ou senhorio, por aluguel tambem, toda a propria actividade, vivendo em lurido tugurio, no qual, longe de descansar, passa noites de insomnia, torturado pela fome ou pelo frio; o resto muito insignificante é distribuido pelos intermediarios dos productos auferidos pelo trabalho e estes com o nome de commerciantes exercem no seu lucrativo officio um latrocinio o mais palese e ao amparo da lei!

Oh!... quanto é invejavel a sorte do escravo antigo! Custa mais alugar uma besta de carga, um máu boi ou um máu cavallo que um bom escravo!

A escravidão na actualidade apresenta diversas formas, que podem ser consideradas outras tantas especies de um mesmo genero.

Temos a escravidão da officina, a escravidão rural, a escravidão do quartel, a escravidão intellectual, e a escravidão dinastica: são cinco especies de proletarios pertencentes ao *genero escravo*; sob o ponto de vista material aquelle da officina, é o mais maltractado de todos, sujeito ao trabalho em andaimes, sujos e escuros n'uma atmosphera humida e viciada, vê passar seus tristes dias sem esperança alguma, só a espera que chegue o dia de receber o misero salario que nunca lhe basta para satisfazer as necessidades da vida, e só serve para enganar o corpo.

Não tem outro anhelo, que nunca lhe falte esse misero salario, — e se lhe faltar é a sua morte e de sua familia, se a tem; sempre com reccio de ser despedido ou ficar inutilizado no trabalho, tendo sempre diante dos olhos o fantasma aterrador da miseria ou a mansarda em que irão repousar os seus magros ossos, sempre umilhado e envelhecido sem se atrever a levantar os olhos diante do patrão; por que este o póde despedir por entender ser falta de respeito o seu olhar.

Isto pelo que resguarda ao homem, porque com a mulher passa-se peior, e pelo facto de ser mulher paga-se menos, apesar de trabalhar o mesmo e passar eguaes fadigas e temores que o homem; as suas ancias são maiores por que a miudo tem filhos, e estes, emquanto pequenos, estorvão a familia e ficam confiados á generosidade dos visinhos, quando não ficam abandonados no meio da rua; e se já são crescidos então, devem trabalhar embora não hajam forças, durante a sua aprendizagem, para depois ganhar um infimo salario que não chega nem para temperar o seu alimento.

Demais a mulher se é jovem e bonita, não importa ser casada ou solteira, os patrões não são tão escrupolosos, que se importe com essas bagatellas: o essencial é que o fructo seja maduro, pois sendo alheio encontram-lhe melhor sabor...

Deve sorrir ao patrão, ser amavel e complacente... porque, se não, é despedida, não tendo mais trabalho; e não é somente na officina, mas na rua ou em qualquer parte que passe uma mulher do povo, humildemente trajada, os burguezes e seus filhos lhe faltam de respeito; seduzem-na grosseiramente cortejando-a, para ganhar tempo, porque achão muito logico que a mulher que de tudo precisa se prostitua, pois sabem que quando as necessidades sobejam... são demais as contemplações...

O platonismo deixa-se para os satisfeitos.

BENTO RODRIGUES.

AVISO

A Directoria, faz ver a alguns conselheiros membros do Poder Administrativo, o seu pouco cap[illegible] no desempenho dos cargos que lhe foram confiados.

Muitas vezes não podem funccionar as sessões por falta de numero, o que é uma vergonha, e fazemos-lhe ver que devem ter mais criterio no cumprimento do seu dever, para não serem censurados pelos associados, que vos confiaram esses cargos. E' bom comprehenderem que não se póde faltar as sessões sem motivos justificados.

O peior inimigo

Não é para o operario o peior inimigo o fatidico burguez, que se julga de superior condição e de differente materia, não é tampouco o embatinado defensor de seculares embustes, nem os homens de Estado, leguleio ou outro privilegiado que sobre nós pesa: o peior inimigo está dentro da classe operaria, é o trabalhador que aspirando á burguezia, ainda que seja tão pobre como o habitante da India Ingleza, aonde morrem aos milhões de fome, esse operario que para obter a sua amizade — aquella do burguez — va adulando-o e falando-lhe mal dos companheiros que pensam na redempção da humanidade, a quem elle dá o qualificativo de perturbadores, loucos, criminosos e brutos!... Loucos!... brutos e estupidos porque propagamos as doutrinas libertarias, em bem da humanidade em geral sem procurar ennaltecer-nos mais de que qualquer outro companheiro!.. e elles vivem satisfeitos porque a troco de tão aviltante conducta ganham dos burguezes a quem elles adulam, daquelles que em ultimo os darão ao desprezo, e agora tratam-os alquanto familiarmente e batem-lhe no hombro para amansal-os e adoçar-lhe o remorso da traição.

E' a mesma cousa de quando o dono da cocheira acaricia os animaes... mais mansos!

D'estes trabalhadores, ou melhor d'esses infelizes, que passam o tempo todo a lamber as mãos dos patrões e a latrar furiosamente aos trabalhadores dignos que com a fronte erguida protestam pelo direito da sua classe, e em nome da religião da humanidade, em nome da dignidade dos presentes e dos futuros pugnam a sombra da santa bandeira que ha por lemma o direito á vida de todos os homens — d'esse traidores, repito — é que devemos resguardarnos como de outros tantos leprosos.

Estes intrusões, que os veremos sempre semeiando a zizanha em todos os movimentos, declamando que é a bem dos trabalhadores, é preciso afungental-os, o que se consegue facilmente abrindose-lhe vasio em sua redondez para que comprehendam o desprezo que nos merecem os que renegam de sua classe, os que a atraiçõa... porque todos quantos sendo trabalhadores, trabalham estes contra a causa, são traidores de sua classe e se torna necessario fazer-lhes comprehender para que se escondam no seu abismo e procurem se livrar da maldita sombra que os persegue.

Seu horror o verão, porque a classe trabalhadora, por suas virtudes, pela razão que lhe assiste na causa que defende para a implantação do reinado da justiça, é hoje uma classe respeitavel, porque dispõe de uma força conseguida pela União do criterio; força esta que crescendo consecutivamente chegará um dia a torturar a quantos hoje se oppõem a ella, e esses intrusões que podiam fazer parte do conjuncto operario que tão dignamente se defende, tambem serão julgados justiceiramente, collocando-os numa situação difficil sendo desprezados por proletarios e burguezes.

Serão desprezados pelos burguezes porque estes consideram-os em quanto accreditarem o seu serviço lhe der resultado e sirva para deter a marcha progressiva da razão, mas quando se desenganarem « porque apezar de todos as contrariedades nunca poderá ser detido este movimento » (porque esses blagueurs só podem servir para bufões e servilhões) e quando as forças não lhe permittir trabalhar brutalmente hão de lhe dizer asperamente.... fóra daqui, que não precisamos mais de vossos serviços!... largo, que não está mais o nosso animo para ouvir as vossas baixezas e vossas palhaçadas!...

Ahi e que haveis de pagar todos os atrasos causados e sereis julgados como mereceis.

Manoel Tatto.

A Directoria

AOS DELEGADOS

Pede-se aos delegados do Congresso nas officinas para não deixar entrar a trabalhar nas mesmas qualquer operario que saia da cooperativa do Matacão, sem este se entender com a Directoria; devendo os delegados para esse fim syndicar o facto quando qualquer operario peça trabalho.

A Directoria.

Aos meus Companheiros

E depois disto, perguntaes ainda que se ha de fazer, quando tudo está por fazer?

Quando toda uma geração de creaturas novas acharia em que empregar as suas frescas energias, sua intelligencia, as suas aptidões para ajudar o operariado na tarefa que emprehendeu?

Não védes que a historia de hoje disse uma favola convencional, a grandeza dos reis e dos grandes senhores, e chama grandeza só aquella do povo, isto é, a universalidade dos trabalhadores, verdade essa que as multidões realizaram com as evoluções da humanidade?

A economia social, hoje, é a consagração da exploração capitalista, prompta sempre a abjurar a fé humana pela ganhança.

Effectivamente ha semelhança de judeus e christãos, que esperam pelo Messias para os redimir dos sebastianistas que aguardão D. Sebastião para ver salva a patria, e soffrendo todos, entretanto de braços estupidamente crusados supportou todo o horror da situação; os operarios aguardam candidamente que o seu candidato gagne o poder, sujetando-se entretanto aos proprios males, a toda a sorte de torturas e soffrimentos que a desordem social imperante, faz diariamente desabar sobre suas cabeças.

Mas, o sabemos de sobra; tudo isso não passa de illusão, cuja unica virtude, se tal se pode chamar, consiste tão somente em desviar a nossa attenção da realidade, e do problema, allongando deste modo a desordem social vigente e tornando mais comprido o nosso calvario.

E na verdade, camaradas, já é tempo de que os interessados percebam que tal maneira de resolver o problema social não passa de umá visão utopista, egual aquella que o christianismo proclamou depois da morte: *No dia do Juizo todos serão eguaes perante Deus que fará justiça*, porque, quer de uma, quer de outra, jamais teremos demonstração scientifica.

Urge portanto que entremos no terreno da realidade, no campo da logica e da acção pratica; assim reportando-me especialmente aos meus companheiros canteiros, faço-lhe sentir a necessidade que temos de ser mais compridores dos nossos deveres, pois que necessita-mos de assegurar hoje o pão de amanhã, de forma que os meus companheiros, principalmente canteiros, embebidos com a tutella de hoje, esquecem-se do futuro.

Pois; meus amigos, é necessario frequentar-mos mais a miudo a *sede social* para estudar a acção e traçar o caminho do porvir.

Antonio da Silva Barão.

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

Assembléa geral —

Reuniu-se o Congresso em assembléa geral no dia 12 de agosto, ás 8 horas da noite, sob a presidencia do companheiro Delphim M. Ramos, secretariado por José Pereira Capa e Aquilino Fraga. Acta approvada.

Ordem do Dia. — Foi nomeado Relator da Commissão de Melhoramentos, o companheiro Manoel Pereira da Silva.

A Commissão nomeada na ultima assembléa, apresenta o relatorio relativo á pedreira da rua do Bom Pastor.

Posto em discussão o assumpto, fazem uso da palavra, diversos companheiros, sendo resolvido só comprar a officina quando todos os cooperativistas estiveram de accordo, bem com o dono do contracto.

Poder executivo. — Reuniu-se este poder em sessão ordinaria N. 145, sob a presidencia de Affonso Gomes, secretariado por Bento Rodrigues e Manoel da Costa:

Acta approvada.

Expediente. — Foram lidas 6 propostas de admissão e approvadas.

Foi lido um officio de José Claudino, pedindo demissão de Vice-presidente: não se accordou a demissão. Foi lido um officio dos operarios da rua D. Affonso, queixando-se de estar lezados em seus salarios: nomeou-se uma commissão.

Foi lido um officio de Serafim Rodando Nuno, communicando retirar-se para fóra desta Capital, e pede dispensa de mensalidades: foi attendido como pede.

Foi lido um officio de Joaquim Vicente da Silva: pede para o Congresso, tirar uma subscripção para José Maria Borges que se acha doente; não se attende por não estar o doente no goso de seus direitos.

Poder Administrativo. — Reuniu-se em sessão extraordinaria a 18 de Agosto de 1905 sob a presidencia de Affonso Gomes, secretariado por Bento Rodrigues e José Moreira da Silva.

Acta approvada.

Expediente. — Foram lidos diversos officios dos operarios da rua D. Affonso, queixando-se que o patrão Manoel Goulart, os esplora deshumanamente. Foi discutido o assumpto sendo nomeada uma commissão composta de Aquillino Fraga, Manoel da Costa e Affonso Gomes.

Poder Administrativo. — Reuniu-se este poder em sessão N. 90, no dia 20 de Agosto de 1905, sob a presidencia de Affonso Gomes, secretariado por Bento Rodrigues e Manoel Fatto:

Acta approvada.

Expediente. — Foram lidas e approvadas 17 propostas de admissão, foram lidos officios de Francisco da Silva Braga e Manoel Sieiro Robim, pedindo dispensa de mensalidades por retirar-se para Europa: foram attendidos, passando-se certificados de bom comportamento; foi lido um officio de Bento Rodrigues que pede para lhe pagar alguma coisa do tempo que perdeu na greve do Matacão: foi mandado apelar para assembléa geral; foi lido um officio de Joaquim Soares de Oliveira, pedindo para o Congresso lhe adiantar a importancia da feria que lhe deve o Snr. Domingos Fernandes Pinto, até o Con-

gresso a receber: resolveu-se officiar, não se podendo attendel-o.

Bem social. — Discutido o assumpto da subscripção para José Maria Borges, resolveu-se adiar a subscripção emquanto elle não cumprir com o seu dever. Foi nomeada uma commissão para organizar uma tabella de preços de cantaria.

O procurador faz sciente que recebeu as fianças que estavão no thesouro afiançando Antonio Morgado e Albino Ferreira Borges, no valor de 600$000, e depositou a fiança para Joaquim Soares De Oliveira; foi resolvido pagar os dias que estiveram presos aos companheiros Antonio Morgado e Albino Ferreira Borges; a commissão que foi a rua D. Affonso dá conta de seus trabalhos, não achando fundamento para a reclamação.

Poder executivo. — Reuniu-se este poder em sessão n. 146 a 23 de Agosto de 1905, sob a presidencia de Affonso Gomes, secretariado por Bento Rodrigues e José Monteiro.

Acta approvada.

Expediente. — Foi lida uma proposta de admissão e approvada.

Bem Social. — O Presidente fez sciente, que assignou as petições para intimar a comparecer na Pretoria os companheiros Manoel Moreira, Agostinho Lourenço e José Maria Borges, que não querem assignar para o Congresso receber o dinheiro das fianças que depositou para os defender.

Foi resolvido botar no seguro os bens moveis do Congresso.

Commissão de melhoramentos. — Reuniu-se esta commissão em sessão N. 21 a 14 de Agosto de 1905 sob a presidencia de Aquillino Fraga, secretariado por José Pereira Capa e Delphim M. Ramos.

Acta approvada.

Expediente. — Consta de uma queixa de José Francisco dos Santos, que diz ter o mestre das obras de Saude Publica, como pretesto para o despedir, declarado a elle em 5 do corrente, que passaria a ganhar menos 1$500 por dia.

Foi tomada em consideração.

Bibliographia

Recebemos os seguintes periodicos:

Constructor Civil, dos Constructores civis do Porto.

O Carpinteiro, n. 4, da associação dos carpinteiros de S. Paulo.

O Tres de Abril, da União Operaria do Engenho de Dentro.

A Vida, orgão libertario da cidade do Porto.

A Voz do Canteiro, dos canteiros de Madrid.

O Obrero, ns. 38 e 39 de Montevideo.

O Ferro Carrilero, de Montevideo.

O Libertario, de Montevideo.

O Artista, do Rio de Janeiro.

Desastres

Acham-se enfermos, victimas de desastre no trabalho, os companheiros Antonio Caetano de Almeida da Urca e Prodencio Portageiro da officina do mestre Penetra.

Acha-se tambem enfermo na ordem do Carmo o companheiro Guilherme Borges de Freitas, esteve enfermo o companheiro Alvaro Dias Duarte.

AVISO

—

Participa-se a todos os companheiros que pagaram ou assignaram para o custeio do jornal, a procurar os seus recibos nas mãos dos delegados e estes na redacção.

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

SECRETARIA: — Rua da Passagem, n. 36.

Dias de reuniões:

Poder executivo — todas as quartas-feiras, ás 7 1/2 horas da noite.

Poder administrativo — reune-se no 1º e 3º domingo de cada mez, á 1 hora da tarde.

Assembléas Geraes—quando fôrem annunciadas.

Commissão de Melhoramentos —ás segundas-feiras, ás 7 horas da noite.

Os companheiros associados encontrarão o secretario na respectiva Secretaria, todos os dias uteis, das 7 ás 10 horas da noite, para attender a qualquer reclamação.

A Redacção.

carro dois archotes, uma lanterna, duas cordas grosseiras, e varios petrechos de salteadores.

—Ah! fez o Napolitano. V. Exc.ª parece que não é leigo na materia! Bravo seu *mestre!* Cordas e mordaças! Lanterna de furta-fogo, archotes, capotes de oleado! Deixe ver se este me serve... Ah! perfeitamente! Bello presente! Vamos... O' c'os diabos!

—Que ha?! perguntou sobresaltado, o snr. Arthur.

—Faltou o melhor!... A cachaça!

—Tambem ha.

—Então estou com a minha gente...

O sr. Arthur deu algumas instrucções em voz baixa, ao cocheiro, e, tendo-lhe recommendado que não adormecesse na almofado como era o seu costume, affastou-se empunhando um archote que já principiava a consumir-se,e tomando a vanguarda dos dois vadios. E todos trez se pozeram a caminho por um atalho que, da aba esquerda da rua desapparecia n'uma estreita vereda por entre um espesso pinhal.

Algumas vategas de agua vinham impellidas com o vento do sul;e os trovões rebumbavam ao longe; os relampagos, a espaço, alluminavam fugitivamente o sinistro quadro que se estendia para lá do pinhal. Os tres personagens perpassavam, lugubres e phantasticos, no meio das trevas da noite, ao clarão avermelhado do archote, atravez dos troncos esguios dos pinheiros, semelhando-se ao desfilar de um prestito fanatico e diabolico. O vento zunia na rama do pinhal, na folhagem do arvoredo, semelhante a um mar revolto no frémito do seu convulsionar aterrador.

—Maldictos caminhos! exclamou o Napolitano. Temo bem por estes sitios fiquem muitos moribundos sem receber a santa unção!

—Porque? perguntou o typo casacalmente vestido; perdôe-nos o nosso leitor este termo.

— Dize-me cá ó *Salta-paredes*, disse o desconhecido para o primeiro vadio; como se chama o seu companheiro?

—Napolitano.

— Ora essa! Pois acaso elle será de Napoles?

—Nada, foi chrisma policial.

—Então, é esse o seu nome de guerra?

—Tal e qual.

—E tem sido muitas vezes preso?

—Eu nem as tenho contado! disse o Napolitano. Mas, quasi sempre sou preso por insignificancias...

—Deve ter um nome de baptismo...

— Ah! lá isso com certeza; porém, se disser que o ignoro, não lhe minto. A primeira vez que fui preso, é verdade que me perguntaram o nome; mas respondi que tal não sabia pelo que me ficaram chamando o Napolitano.

—De sorte, que, se te for preciso correr folha nos tribunaes, sahirás de lá como homem mais honrado d'este mundo!

—Por certo, comtanto que não seja eu quem vá lá em busca d'essa folha corrida. Demais, não sei como me chamo!

—E's engeitado?

—Peor do que isso. Meu pae morreu no Brasil, e minha mãe morreu logo depois, quando eu contava cinco annos. Pouco me recordo della.

— Que idade tens.

—Julgo que tenho dezoito ou dezenove annos.

—Já estivestes na Calceta?

—Boa vae ella! Quantas e quantas vezes! Mas sempre tenho fugido.

—Aquillo não agrada ninguem...

—Podera agradar! Se lhe parece! Todos os dias com o trambolho ao pé! E' bom pitisco!

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida á redacção na rua da Passagem n. 36 ao editor, havendo na secretaria companheiros para as receber bem como os originaes; todos os dias uteis das 7 as 9 da noite e os originaes, não publicados não serão restituidos.

AVISO

Pede-se aos companheiros delegados nas officinas a tomar um apontamento quando qualquer assignante ou custiador do jornal o Congresso mude de officina e para qual vae trabalhar, devendo apresentar esses apontamentos na redacção.

Assim como os mesmos delegados devem fazer a propaganda possivel afim de adquirir mais assignantes.

A REDACÇÃO.

A VIDA DE UM OPERARIO OU O Espelho do Trabalhador

Chamamos a attenção dos nossos leitores para esta obra socialista que sahirá publicada em folhetim em formato de fasciculo afim de mais tarde qualquer camarada mandal-o encadernar.

AVISO

Estão de dia nesta redação as segundas-feiras: José Pereira dos Santos Junior; á terça-feira: Marcellino C. Ramos; a quarta-feira: Eurico Paiva; a quinta-feira: Antonio Coelho; a sexta-feira: Manoel da Silva Ramalho Junior; ao sabbado: Antonio da Silva Barão:

Sendo o expediente das 7 ás 10 horas da noite.

O CONGRESSO

Illm. Snr. ....

....

Rua de ....

.... *N.* ....

RIO DE JANEIRO

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

A commissão de melhoramentos faz ver a todos os companheiros que por qualquer reclamação a fazer dirijão-se ao delegado da officina em que trabalha e esse dará parte ao Relator da commissão as Segundas-feiras na Secretaria e nos outros dias na officina em que elle trabalha e para esta commissão dar providencias com urgencia por isso a commissão mais uma vez fez ver que se dirijão a commissão não aos poderes do Congresso.

A COMMISSÃO.

AVISO

Pede-se a todos os associados do Congresso para quando mudar de officina, participar ao delegado da officina para onde for e pede-se aos companheiros delegados para enviar á secretaria listas de todos os opererios que trabalhar na respectiva officinas afim de facilitar a cobrança.

O THESOUREIRO.

—Não tendes receio de que um dia os tribunaes vos passe um passaporte gratuito para a Africa?

—Qual historia! Todos os fámintos do tribunal, policia, e tudo vivem á nossa custa! Nos damos de comer a todos os escrivães, á policia, aos juizes, aos carcereiros, aos penhoristas, aos adeleiros, aos intrujões, e aos proprios malandros! Olhe aqui está o meu companheiro que não me deixa mentir. O senhor talvez saiba d'isto...

—Nunca foi a policia... mas... ninguem póde dizer; —d'esta agua não beberei. São coisas a que todos nós estamos sujeitos.

—Ah! isso é dos livros! Mas V. Exc.ª não acha que praticamos perfeitamente de accordo com as nossas necessidades?

—Está visto! Todo e qualquer tem direito a comer, a sustentar-se, quer seja do seu, quer do alheio; se o furtar é peccado, para que nos deu Deos a bocca e a barriga?

—Ora diz V. Exc.ª muito bem! Isso é que é dos livros! Ja se vê; se não fosse a bocca e a barriga nós não furtavamos!

—Neste ponto, o Salta-paredes reflectiu que deviam estar affastados da cidade, e perguntou ao desconhecido:

—Estamos a chegar?

—Sem duvida, passamos já a Ponte da Pedra. D'aqui a pouco estaremos no ponto da chegada.

E dizendo isto, abriu a portinhola, desbruçou-se para fóra e observou o tempo, não sem olhar com algum receio para o espaço de breu que ficava atraz do carro.

—Não chove, disse elle, fechando cautelosamente a portinhola. A noite está a proposito! O peor é que temos de caminhar um kilometro a pé e os caminhos hão de estar pantanosos.

—Pantanosos?! admirou o Napolitano.

—Não entendes? perguntou o Salta-paredos. Quer o

nosso fidalgo dizer que os caminhos estão aos altos e aos baixos!

—Perfeitamente; confirmou o desconhecido sorrindo da inexactidão da emenda.

—Ora se é assim, não haverá duvida se levarmos luz.

—A luz não seria muito conveniente, porque nos pode seguir alguem; o que póde frustar os nossos negocios... e seria deitar tudo a perder se nos vissem juntos.

—Com um tempo destes não anda ninguem por estes sitios, meu fidalgo; antes de tudo está a nossa pelle; em primeiro logar a nossa vida. Eu cá é que não me arrisco a ir as escuras por esse caminho de cabras, diga V. Exc.ª o que disser! Só confio nos olhos, nas pernas e nos pulsos!

—E tu, Salta-paredes, que dizes?

—Para mim é indifferente...

—Bem, muito bem; levaremos luz; mas com a maxima cautella. Trazem armas?

—Alguns palmos de aço hespanhol, apenas.

—Isso sati-faz. Notem, porém, que não é um crime o que vamos praticar! E eu não quero que se faça mal a ninguem, cuidado!

De repente parou o trem e o cocheiro tendo-se apeado abriu a portinhola dizendo:

—Chegamos, Sr Arthur.

—Has-de ser sempre um pedaço d'asno! exclamou o desconhecido, exasperado pelo cocheiro lhe ter dado o nome verdadeiro. Andas sempre a trocar-me o nome! Um dia despeço-te dos meus serviços!

—Perdão, senhor, eu não sabia...

—Calla-te bruto!

Saltaram todos os tres para a rua, e Arthur, pois que era este o nome do desconhecido, tirou da caixa do